



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NAS ESCOLHAS DAS MULHERES: OS IMPACTOS NA TRAJETÓRIA DE PROFESSORAS DE MATEMÁTICA

Carolina Salviano¹

Orientador Agnaldo Esquincalha²

Resumo do trabalho. As questões de gênero e religião são primordiais para uma formação global, pois vivemos em uma sociedade em que os diversos modos de preconceitos e discriminações estão enraizados. No contexto judaico-cristão, as mulheres são, frequentemente, colocadas em posições subalternizadas e marginalizadas. Historicamente, a área de exatas é ocupada predominantemente por homens. No entanto, os movimentos feministas trabalham visando a promoção da igualdade de gênero em diversos campos, inclusive no campo da educação matemática. Nos dias atuais, a religião tem representado um papel importante na vida das pessoas e, com o crescimento dos evangélicos no Brasil, a religiosidade e os discursos radicais se tornaram comuns. Acreditamos que as relações de gênero, raciais e religiosas estão ligadas e influenciam nas escolhas de mulheres negras e professoras de matemáticas. Essas influências impactam as suas trajetórias e práticas docentes.

Palavras-chave: religião; gênero; inclusão; docência

Introdução

Falar sobre gênero e religião é um desafio nos tempos atuais, onde esta representa uma área de grande importância para a maioria das pessoas. No contexto judaico-cristão, as histórias das mulheres na Bíblia frequentemente colocam as mulheres em posição submissa e excluídas de qualquer liderança. Simone de Beauvoir afirma que:

Logo no início do cristianismo, eram as mulheres, quando se submetiam ao jugo da Igreja, relativamente honradas; testemunhavam como mártires ao lado dos homens; não podiam, entretanto, tomar parte no culto senão a título secundário; as "diaconisas" só eram autorizadas a realizar tarefas laicas: cuidados aos doentes, socorros aos indigentes. (BEAUVOIR, p. 118, 1959)

Por meio deste projeto de pesquisa, pretendo analisar a influência que as religiões cristãs monoteístas exercem nas escolhas das mulheres, trazendo consequências na vida profissional e pessoal, e firmando posições.

Esta seção está dividida em duas subseções: na primeira descrevo minha trajetória profissional, acadêmica e intelectual, passando por situações e motivos que justificam a

¹ UFRJ, carolsalviano94@gmail.com

² UFRJ, agnaldo@im.ufrj.br



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

escolha e a importância pessoal do tema. Na segunda, exponho a proposta e as questões de pesquisas que pretendo seguir, bem como a metodologia que será utilizada.

O interesse sobre a temática surgiu a partir da análise de discursos e da vivência adquirida na posição de mulher, negra, professora de matemática e evangélica protestante.

Falar sobre religião na academia sempre foi muito difícil para mim, pois eu temia que as pessoas achassem que eu estava tentando impor algo. bell hooks, autora feminista, também passava por algo semelhante.

Entre acadêmicos e pensadores progressistas, era muito mais legal, descolado e aceitável expressar sentimentos de ateísmo do que declarar uma devoção apaixonada pelo espírito divino. Também não queria que as pessoas pensassem que, ao falar de minhas crenças espirituais, estava tentando convertê-las ou impor essas crenças a elas de alguma maneira. (HOOKS, 2021, p. 110)

Sou de uma família onde as pessoas sempre se denominaram cristãos protestantes. Durante toda a minha infância e adolescência, frequentei uma igreja evangélica, os estudos bíblicos e os cultos. Confesso que eu nunca problematizei os discursos e as atitudes das pessoas na igreja, tudo era bem natural para mim. Porém, ao iniciar os estudos de gênero, comecei a identificar falas e ações que afetam diretamente ou indiretamente as meninas e mulheres. Em buscas na internet, é possível encontrar sermões de pastores e homens ditos “de Deus” que diminuem e tentam reforçar o “lugar da mulher”. Neste período, mergulhei em leituras e podcasts voltados para a temática “feminismo bíblico” e fui surpreendida por algumas falas e discursos.

Hoje, revivendo algumas etapas da minha trajetória, é possível reconhecer situações voltadas às relações de gênero, sobretudo o estímulo que os meninos recebem para que se tornem grandes empresários, engenheiros, arquitetos e professores, enquanto meninas são influenciadas a seguirem carreiras que expressem cuidado, amor e que estejam relacionadas ao “ministério” e a ideia de “submissão” que é inculcada por meio de versículos bíblicos. As meninas dificilmente são motivadas e incentivadas a exercerem carreiras de exatas. Ao aprofundar a leitura, deparei-me com alguns fatores históricos, como a mudança de nomes de pessoas na Bíblia, retirando mulheres de alguns livros e até transformando nomes femininos em masculinos.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Além do tema fazer parte da minha vivência familiar e social, ele também faz parte da carreira profissional ao deparar-me com adolescentes e jovens perdidos na questão da escolha profissional.

No cenário político atual, tratar sobre religião é de suma importância, uma vez que, pode-se comprovar a influência que a igreja mantém sobre uma grande parcela da sociedade, moldando comportamentos e direcionando escolhas.

Proposta para pesquisa

Falar sobre gênero e religião é primordial para uma formação global, uma vez que vivemos em uma sociedade que naturaliza desigualdades. As mulheres têm ocupado posições cada vez mais importantes, no entanto, nem sempre foi assim. Desde a figura de Eva, marcada como dependente de um homem ou a mulher segundo a visão de Aristóteles, onde os corpos femininos eram considerados homens imperfeitos e deformados, até os dias de hoje, vivemos, em parte, controladas e dirigidas por homens. Alguns religiosos utilizam a Bíblia para pautar seus preconceitos, pois para muitos:

As mulheres foram criadas para desejar seus maridos e deixá-los governar (Gênesis); as mulheres devem confiar em Deus e esperar pelo marido perfeito (Rute); a voz dos homens é pública, enquanto a voz das mulheres é privada (1 Coríntios; 1 Timóteo); quando as mulheres ficaram no comando foi pecaminoso (Eva) ou porque os homens falharam em suas funções (Débora). A posição da mulher era solidária e secundária, a menos que ela tivesse que temporariamente ficar na liderança porque os homens não podiam. (BARR, 2002, p. 15)

Ainda que haja versículos que invalidam a divisão dos sexos, esta visão ainda é perpetuada, pois *“assim como o racismo, o patriarcado é um metamorfo — adequando-se a cada nova era, parecendo que sempre esteve ali”* (BARR, 2002, p. 210).

Em tudo, desde sermões a lições da escola dominical, passando por conselhos de professoras bem intencionadas, as mulheres eram convocadas a papéis secundários na igreja e na família (BARR, 2002, p. 14)

Gerda Lerner (1986) afirma que o patriarcado é uma construção histórica e está intimamente ligado ao militarismo, hierarquia e racismo, portanto, podemos entender que surgiu com o início da civilização, logo, é possível afirmar que não foi ordenado por Deus. Por outro lado, pessoas utilizam de versículos para ensinar que mulheres devem ficar em silêncio (1 Coríntios 14: 34), se submetam aos seus maridos (Efésios 5:22), que não exerçam



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

liderança (1 Timóteo 2: 11-12). No entanto, costumam ignorar Gálatas 3: 26-28, quando Paulo, o mesmo apóstolo que escreveu os versículos anteriores, escreve:

Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. (Gálatas 3: 26-28)

Historicamente, o campo de exatas tem sido um campo predominantemente ocupado por homens. Embora os movimentos feministas venham trabalhando para promover igualdade de gênero em diversas áreas, no campo da educação matemática ainda há falta de mulheres, sobretudo mulheres negras. Sendo assim, é necessário a promoção de ambientes inclusivos e desconstruídos de estereótipos de gênero.

Nesse sentido, a educação matemática possui o dever de desempenhar um papel importante na conscientização sobre as diversas questões sociais presentes nas práticas e formações de professores de matemática. A isso, relaciona-se analisar de forma crítica como essas questões podem afetar as expectativas dos professores, suas interações em sala e a forma de enxergar a si mesmo e os outros.

Atualmente, a religião tem um papel importante na vida das pessoas, no entanto, isso vigora desde o período colonial. João Bigon (2020) cita o exemplo da Jamaica:

“Ao serem lançados no espaço da orfandade pela violência do mundo colonial, onde seus referenciais acabavam por ser o que os colonizadores reservavam pra eles, nesse caso, a religião cristã, os jamaicanos desenvolveram nas fissuras do colonialismo uma nova perspectiva religiosa, que por sua vez, também se tornou uma nova perspectiva. Isso se dá a partir de processos educativos [...], sobretudo pensando religiões que possuem como parte de sua tradição o ensino oral ou escrito” (p. 30)

Portanto, hoje, com o enorme crescimento dos evangélicos no Brasil, a religiosidade se tornou popular, bem como alguns discursos radicais. Por exemplo, o bispo Edir Macedo, grande líder religioso, em um culto religioso diz que:

“se ela [*filha dele*] fosse doutora e tivesse o um grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse e um grau de conhecimento baixo... ele não seria o cabeça, ela seria cabeça” (Macedo, 2019)

O vídeo foi retirado das redes sociais no dia 23/09/2019. Edir Macedo está se referindo ao versículo 3 de 1 Coríntios, onde menciona que “O homem é a cabeça da



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

mulher”. Para Edir Macedo, se a mulher tiver o grau de escolaridade superior ao do marido, o casamento está fracassado.

Concordamos que, direta ou indiretamente, discursos e atitudes promovidas por pessoas religiosas tendem a guiar ações de “seus discípulos”.

As crenças religiosas também podem influenciar as abordagens educacionais em geral, inclusive a matemática. Portanto, é necessário promover abordagens pedagógicas inclusivas que garantam que a educação matemática e as áreas de exatas sejam acessíveis a todos, independente da religião.

Logo, é primordial analisar como a religião orienta e forma o pensamento social de pessoas adeptas à religião cristã e pensar na inclusão de mulheres professoras de matemática enquanto grupos historicamente marginalizados.

Diante das dificuldades encontradas em entender, sobretudo, como as mulheres constroem suas identidades nas religiões cristãs monoteístas e como essa visão traz consequências em várias áreas, lanço o seguinte questionamento: Como a religião pode interferir na vida de mulheres, impondo comportamentos e manipulando escolhas em nome da fé?

Esta pesquisa parte de uma tese em andamento e propõe refletir sobre a influência da religião na escolha e na prática profissional de professoras de matemática.

Desenvolvimento da pesquisa

A escrevivência é uma metodologia proposta por Conceição Evaristo, que busca valorizar e dar visibilidade a grupos historicamente marginalizados e silenciados. Evaristo aponta que a escrita de mulheres negras é uma ação que desfaz a imagem do passado e traz a vivência enquanto pessoa brasileira de origem africana. Portanto, utilizar escrevivência permite a construção de narrativa que combina a “escrita” e a “vivência”. Vivências que, mesmo sendo particular e carregadas de memórias individuais, remetem a vivências coletivas porque são experiências que são perpassadas por questões de raça, gênero, religião e outras intersecções.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

O racismo, o machismo e os diversos preconceitos e discriminação estão enraizados na sociedade brasileira e não é muito diferente no cenário literário e na academia. Mata (2014, p. 29) ressalta que escrevivência representa uma “luta pela desestabilização dos lugares cativos das epistemologias prevalentes”.

Sendo assim, ao utilizar escrevivência como narrativa contra hegemônica, estamos colocando em evidência um pertencimento, uma forma de resistência e promovendo a inclusão de grupos que, outrora, foram excluídos e marginalizados, desafiando estruturas de poder.

Num primeiro momento, buscaremos ouvir as vozes de mulheres negras pertencentes às religiões monoteístas e professoras de matemática, refletindo sobre suas histórias e identificando as inquietações. Utilizando escrevivência como rota de escrita acadêmica, iremos narrar a trajetória dessas mulheres.

É necessário compreender que as relações entre gênero e religião são, em sua maioria, produzidas a partir do discurso, uma vez que, os discursos são disseminados a partir das interações sociais e impregnam-se nas escolas, nas universidades, nos hospitais, nos programas de tv, nas conversas do dia a dia, nas páginas de jornais e, são reorganizados e ordenados por onde passam.

Em “*A ordem do discurso*”, obra de Michel Foucault, faz uma análise do sujeito ao produzir um determinado discurso salientando que essa produção faz parte do processo de interação comunicacional e destaca os procedimentos que são exercidos tanto no exterior quanto no interior dos discursos. A *interdição*, um dos procedimentos exercidos no exterior dos discursos, consiste no controle do que pode ser dito, o ritual das circunstâncias e o direito privilegiado daquele que fala. Nessa perspectiva, nem todos possuem direito de falar e algumas coisas não podem ser ditas, uma vez que não se pode falar tudo em qualquer circunstância. Por outro lado, a *separação* (ou *rejeição*) revela a rejeição do discurso que é proferido pelo louco. Para Foucault (1996), é pela palavra que se identifica o louco. O terceiro procedimento, a *vontade de verdade*, configura o discurso como uma maneira de separação entre o que é verdadeiro e o que é falso, apoiado em suportes institucionais.

Foi proposto, por Foucault, dois posicionamentos para analisar um discurso: crítico e genealógico. A postura crítica contempla o princípio da exclusão e da inversão. Por outro lado, a genealógica contempla os três princípios de *descontinuidade*, *especificidade* e



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

exterioridade. Este último procura entender como os discursos foram formados a partir das práticas sociais, bem como as regras de produção e perpetuação desses discursos.

Ao analisar um discurso, é necessário levar em conta suas particularidades. No entanto, mediante o exposto, o presente trabalho será por meio da análise crítica e genealógica do discurso, uma vez que iremos nos referir a uma análise mediante enunciados expostos, bem como a conduta cotidiana de mulheres, identificando e denunciando preconceitos, além de reconhecer as influências da colonialidade, que mantém o padrão das relações de poder (QUIJANO, 2005), naturalizando a hierarquização racial, de gênero e cultural, e promovendo o apagamento do ser (MIGNOLO, 2003), combatendo a visão religiosa da profissão (ARROYO, 2000), o que contribui para a desprofissionalização da profissão docente.

É necessário também analisar sob a ótica da colonialidade de gênero, uma vez que,

“ver o gênero como categoria colonial também permite historicizar o patriarcado, salientando as maneiras pelas quais a heteronormatividade, o capitalismo e a classificação social se encontram sempre já imbricados”. (COSTA, 2012, p. 47)

As ações a serem desenvolvidas seguirão o seguinte trajeto: i) investigação do surgimento do “patriarcado cristão”, passando por uma análise do contexto histórico de alguns textos utilizados como embasamento para atitudes machistas, uma vez que “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história” (FOUCAULT, 1996, p. 146); ii) análise dos discursos de homens e mulheres por meio de vídeos no *youtube* e postagens nas redes sociais; iii) entrevistas de mulheres negras professoras de matemática, seguidoras de religiões cristãs monoteístas.

A análise de dados será por meio de: i) análise crítica e genealógica dos discursos promovidos por homens e mulheres de fé; ii) escrevivência como princípio teórico-metodológico para narrar as experiências contadas pelas mulheres entrevistadas; iii) identificação da influência desses discursos na trajetória dessas mulheres e iv) exposição e reflexão das consequências dessa influência.

As fontes de dados podem produzir outros resultados que serão construídos junto do orientador, tais como: consequências desses discursos nas políticas públicas educacionais, no âmbito escolar, acadêmico.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

Considerações finais

Considerando o exposto ao longo do texto, buscamos pensar em um fazer pedagógico que interrompa estruturas que dão significado aos marcadores sociais, como gênero e religião, questionando discursos hegemônicos que colocam mulheres cristãs e professoras de matemática em posições vulneráveis e marginalizadas, ressignificando aquilo que elas (e eu) aprendemos a ser, pensar e fazer.

Referências

ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada (revista e atualizada no Brasil)**. 2 ed. São Paulo. Sociedade Bíblica Brasileira, 1993.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 2000.

BARR, Beth Allison. **A construção da feminilidade bíblica: como a submissão das mulheres se tornou a verdade do evangelho**. 1 ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Vol 2: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro. Rio de Janeiro, 1959.

COSTA, C. K. L. (2012). **Feminismo e tradução cultural: sobre a colonialidade de gênero e a descolonização do saber**. Portuguese Cultural Studies, v. 4, outono de 2012.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa-: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. Penso Editora, 2014.

DA SILVA BIGON, João Marcos. **Entre a cruz e a encruzilhada: a comunidade negra evangélica e as propostas decoloniais de construção de mundo**. 2020. Tese de Doutorado. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, v. 1, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

_____. **Ordem do discurso (A)**. Edições Loyola, 1996.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor. novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

LERNER, GERDA. **The Creation of Patriarchy**, Nova York: Oxford University Press, 198, p. 228-29.



III ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA INCLUSIVA

04 a 06 de setembro de 2023

Instituto Federal do Espírito Santo

Vitória-ES

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas. Revista de Ciências Sociais*, Pucrs, Porto Alegre, vol. 14, n.1, jan-abr, 2014, p. 27-42.

MIGNOLO, Walter. **The darker side of the Renaissance: Literacy, territoriality, and colonization.** University of Michigan Press, 2003.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In. LANDER, E.(org.). **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**, p. 43-66, 2005.